

# Hospital também é lugar de brincadeira



4 saúde

FOTOS: HELVIO ROBERTO/AC

**Klévia Bezerra da Lima dá vida aos bonecos para animar Cristian Santiago de Faria, de 5 anos, atendido por Georgina Melges de Souza (de óculos)**

Uso de bonecos para ajudar crianças a fazer fisioterapia ganha espaço e já faz parte da rotina do HC

MARIANA LENHARO

**S**empre que tem que ir ao hospital, Cristian Santiago de Faria, de 5 anos, pergunta desconfiado para a mãe: "O que é que vou fazer lá?" E não são raras as vezes em que passa por essa situação: há alguns meses, seu joelho precisou de cirurgia corretiva por causa de um problema congênito. Mas, na segunda-feira passada, dia 25, na segunda sessão de fisioterapia no Instituto de Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas (HC), recebeu uma companhia inesperada que facilitou o tratamento, levando sorrisos e gargalhadas ao rosto antes apreensivo do garoto.

Os visitantes que mudaram as feições da criança eram os "renomados" Doutor Tirador e Doutora Sara-

tudo. Com especialidade comprovada em diversão, os profissionais realizaram com sobras a tarefa de descontrair o paciente e ajudar a sessão a passar mais rápido. O diferencial dos doutores, que faz toda diferença para a faixa etária atendida, é que eles são bonecos manipulados habilmente pela fisioterapeuta Klévia Bezerra Lima.

A auxiliar de cozinha Gisele Alves Santiago, mãe de Cristian, reconhece a diferença que os bonecos trouxeram para o tratamento do filho e acha que, da próxima vez que tiver que voltar ao hospital, o menino ficará menos desconfiado. "Da primeira vez, ele estava sério e quieto. Hoje es-

tá bem mais soltinho."

Klévia, dona de vozes engraçadas que dão personalidade própria aos bonecos, conta que começou a utilizar essa estratégia no Hospital das Clínicas há dois anos. No início, o recurso era usado para explicar os cuidados básicos com a saúde para pais e crianças nas salas de espera da instituição. Depois, os doutores receitavam que "comprimidos de alegria e gotinhas de amor" passaram a ajudar também nas sessões de fisioterapia para crianças. Hoje, já são velhos conhecidos de alguns dos pequenos pacientes.

É assim para Raíssa Tavares Dias, de 3 anos. Simpática e pró-ativa, a





O uso do brinquedo no ambiente hospitalar é bom para as crianças, para os profissionais e para os pais”

**CIRCÉA RIBEIRO**, PESQUISADORA

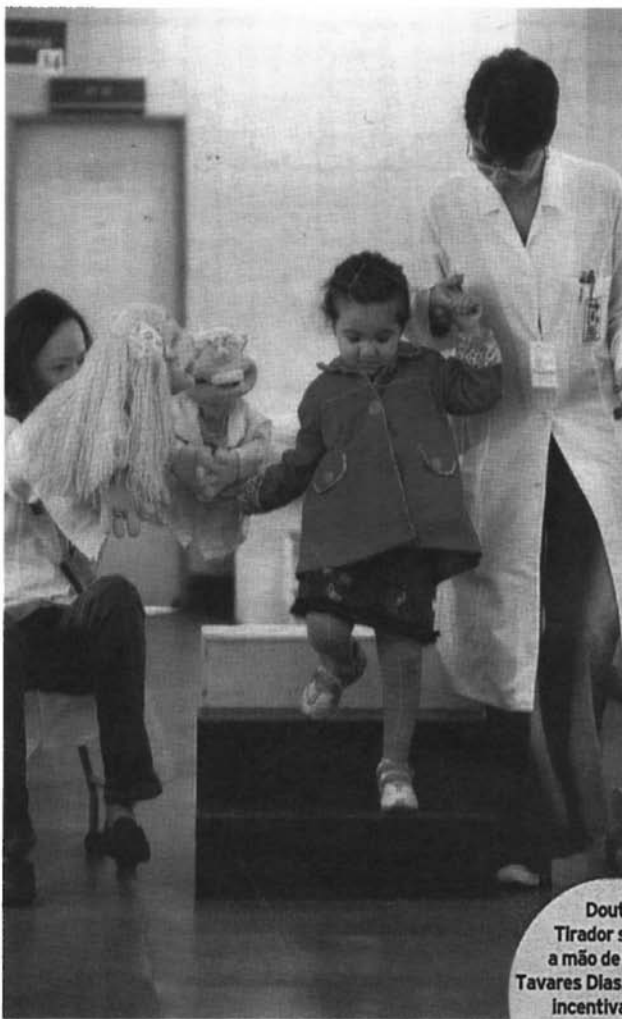
menina completou dois meses de fisioterapia em outubro. Extrovertida, ela até dispensaria uma força extra para realizar os exercícios, mas os abraços nos bonecos vinham como recompensa depois de completar uma subida ou uma descida nos degraus da escada fisioterápica. “No começo, ela tinha um pouco de medo dos bonecos, mas agora adora”, conta a mãe Tatiane Tavares de Lima.

Raíssa já passou por duas cirurgias no quadril para corrigir um problema de encaixe e agora precisa de sessões de fisioterapia frequentes. Apesar do caráter lúdico, o trabalho com bonecos é feito de forma calculada.

“Não começo a terapia logo com os bonecos. Tenho que esperar o momento certo para eles aparecerem”, explica Klévia. Ela conta que os brinquedos podem entrar em cena para recompensar o fim de um exercício ou para acalmar uma criança que já chega assustada e chorando.

A fisioterapeuta revela que sempre se identificou com bonecos e os considera um bom instrumento para se comunicar com o universo infantil. “Mas não se pode esquecer que a criança está aqui para se reabilitar. Os bonecos são coadjuvantes nesse processo”, diz.

Colega de Klévia, a fisioterapeuta Georgia Melges de Souza não manipula bonecos, mas entra no espírito. Para arrancar um sorriso de Letícia Macedo, de 11 anos, arrisca cantar uma música da dupla sertaneja preferida da garota. E dá certo. Afinal, quem disse que o hospital tem que ser um lugar sério? ::



**Doutor Tirador segura a mão de Raíssa Tavares Dias, de 3 anos, incentivando a menina a completar os exercícios da fisioterapia**

### Técnica serve de calmante aos pais

O sorriso dos filhos durante o tratamento hospitalar tem um efeito tranquilizador para pais e mães dos pequenos pacientes. Com as palhaçadas dos bonecos, é fácil ver até adultos caírem na risada. “O uso do brinquedo no ambiente hospitalar é bom para as crianças, para os profissionais e também para os pais, que acabam brincando junto e esquecendo as tensões”, diz a pesquisadora Circéa Amália Ribeiro,

líder do Grupo de Estudos do Brinquedo da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). “Meu filho adora as brincadeiras e acho muito bom. As crianças já ficam nervosas e com medo de virem ao hospital. Se chegarem aqui e o lugar for sério, a situação é pior”, diz Tatiane da Maia, mãe de Gabriel da Maia de Freire, 5 anos.

O garoto, que brincava com outras crianças na sala de espera do Instituto de Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas, ficou tímido ao ver os bonecos Saratudo e Tirador, mas acabou se aproximando e até abraçando os bonecos doutores.



**Doutora Saratudo posa ao lado da sorridente Letícia Macedo, de 11 anos**

### ENTREVISTA

**Circéa Amália Ribeiro** é professora do Departamento de Enfermagem da Unifesp e líder do Grupo de Estudos do Brinquedo (GEBrinq).

#### Como a brincadeira dentro do hospital pode ajudar a criança?

Os benefícios são inúmeros. Brincar é a forma natural de vida da criança. Se ninguém impedir, ela vai levar de uma forma lúdica mesmo as atividades cotidianas. Como o brincar é tão natural, se ele é promovido durante o tratamento, a criança vai ver aspectos da vida normal da infância no hospital, que não fica ligado só ao aspecto da doença. Outro benefício é que ela vai se sentir respeitada. Além disso, a brincadeira abre entre o profissional de saúde e a criança outro canal de comunicação.

#### Que tipos de brincadeira podem ajudar no tratamento?

Existe a brincadeira meramente recreacional e alguns tipos de brincadeiras terapêuticas. Todas são benéficas porque favorecem o relaxamento da criança. A ludoterapia, por exemplo, com o objetivo tratar da criança que tem algum distúrbio emocional. Ela vai ajudar a criança a compreender a situação em que vive e lidar com ela da melhor forma. Já o brinquedo terapêutico usa princípios da ludoterapia para ajudar o profissional a entender como a criança vivencia determinada situação. Estar no hospital é sempre difícil e, nessa atividade, ela pode falar sobre o que está sentindo.

#### Os hospitais já estão aplicando o recurso da brincadeira?

A prática ainda é um pouco incipiente. O brincar recreacional está um pouco mais difundido. A existência da brinquedoteca já é prevista na lei. Temos que fazer da assistência à criança uma grande atividade lúdica para que ela possa crescer mesmo numa situação de estresse, como no hospital.